

## O triunfo dos humanos

*Quinta dos Animais* ou *O triunfo dos porcos*, de George Orwell

Quando saí de manhã, o céu estava cinzento. Apertei o casaco com força, com receio da chuva. Nunca gostei da chuva. Fria e perpétua, tenho de aceitá-la em silêncio. Os guarda-chuvas que tenho em casa vergam facilmente com este vendaval, e não tenho altura suficiente para desafiar as nuvens.

Desci a rua na direção do metro. A cidade já estava acordada, mas ainda respirava devagar.

Como sempre, sou dos primeiros a pedir o pequeno-almoço no café. Olhos na janela virada para o parque, começa um novo capítulo desta história viciada. Sentado num banco de madeira abrigado da chuva, lá estava ele. Dobrava rapidamente as páginas do seu terceiro jornal (ainda nem sete da manhã eram). Com a idade que tem, deve reconhecer o tipo de notícia pelo cheiro. Já viveu muitos conflitos internacionais e crises financeiras. Países inteiros a arder, outros a afundar. Campeonatos de futebol decididos no último dia e mais um desvio de fundos públicos. É um homem com boa reputação no bairro: ex-combatente do Ultramar, como o meu falecido avô. Um revolucionário de tempos passados que deu a alma e dois dedos da mão direita por um país que se vai esquecendo dele a cada minuto que passa.

Quando os seus companheiros da sueca não aparecem, oferece conselhos que se dissolvem no ar frio da manhã.

Ao sair do café, ouvi a sua voz murmurar:

- Uma galinha depressa esquece o ovo que lhe roubaram, desde que lhe encham o papo de milho.

Fez uma pausa breve e olhou-me diretamente nos olhos.

- Hoje estavam marcados protestos na Praça Central, mas duvido que alguém apareça. As galinhas estão bem alimentadas...

Sorri, sem querer. Na verdade, fiquei alarmado quando ouvi a palavra “protestos”:

- Espero que os funcionários do metro não estejam em greve outra vez!

Ao passar pela montra da loja de eletrodomésticos, três televisores ridiculamente compridos mostravam o debate de ontem à noite. À esquerda, o

político da direita, e à direita, o político da esquerda. Ou seria ao contrário? Pela montra não se ouvia o som, apenas se viam os gestos exagerados e as expressões incrédulas. Dois homens diferentes, com duas maneiras distintas de dizer exatamente o mesmo.

Desci para o metro. No metro não chove. Mas o chão parece ainda mais ensopado do que na rua.

Um grupo de estudantes caminhava em passo apressado. Moviam-se como uma legião de romanos prestes a entrar no campo de batalha. Em vez do escudo, envergavam o poderoso *smartphone*. A arma mais perigosa desta década. Em vez de partilharem histórias, compartilham *stories*. Repetem os mesmos *hashtags* e ouvem a mesma música (cada um nos seus auscultadores, é claro). A cabeça pesa-lhes muito, não pelas correntes de aço inox nem pelos óculos de sol importados. Óculos de sol, com este tempo? Certamente é uma *trend*...

No metro, fiquei sentado ao pé de um funcionário público. Reconheci-o, porque trabalha no mesmo edifício que eu. Terceiro andar, contabilidade.

Ele olhava constantemente para o relógio, pelo que constatei, com um sorriso:

- Ainda faltam vinte minutos. Chegamos a tempo!

Ele virou-se lentamente para mim, enquanto apalpava o bolso onde guardava os cigarros.

- Gostava só que o tempo andasse mais rápido.

Acenei, incrédulo. Certamente, um homem de meia-idade sabe que o tempo não passa mais rápido se olharmos para o relógio.

- Parece que hoje há manifestação na Praça. – arrisquei. Preciso de fazer amigos no trabalho. Já lá estou há quase dois anos.

- Há sempre manifestações na Praça. Mas nunca ninguém se manifesta pelas razões certas.

- E quais seriam essas razões? – perguntei, enquanto nos levantávamos em direção à saída.

- As que nunca resultam em manifestações. – argumentou sarcasticamente, enquanto retirava um cigarro do bolso. Subimos as escadas até à Praça Central em silêncio.

- Não acredita em mudança?

Ele olhou para mim com uma expressão cansada, enquanto acendia o cigarro.

- Eu acredito em mudança. Acredito que tudo o que muda fica exatamente igual.

Acelerou o passo e prosseguiu sem mim. Também acendi um cigarro. Não gosto de pessoas enigmáticas.

Fiz o caminho em redor da Praça com calma. Ainda faltavam doze minutos. Passei pela obra que já há meses ocupa todo o quarteirão. Uma clínica médica privada. Dizem que vai ser a maior do país.

Um trabalhador de ombros largos erguia, em esforço, dois sacos de cimento. O rosto duro, marcado pelo cansaço, não escondia a determinação. Como podia alguém, tão cedo, carregar aquele peso? Os seus companheiros só transportavam um saco de cada vez.

Do outro lado da estrada, na Praça Central, começavam os preparativos para a manifestação. Não consegui muito bem perceber do que se tratava: vi algumas bandeiras, cartazes e panfletos, mas a chuva manchava-os a todos. Ouviam-se alguns espirros e tosse, a chuva não gosta de manifestações.

Em frente à multidão, cerca de dez homens vestidos de negro guardavam o edifício do Estado onde eu trabalho. Moviam-se sincronizados, de bastões à cintura. Os escudos estavam a ser usados como proteção contra a chuva. Aguardavam ansiosamente uma ordem de dispensa. A manifestação não ia dar em nada. Mas eles não agem por vontade própria.

Entreí no edifício com quatro minutos de sobra. Podia usá-los para tentar meter conversa com aquela rapariga do segundo andar. Já ando para fazê-lo há meses. Três minutos. Talvez seja melhor noutra altura.

O dia passou devagar. Preencher papéis, rasgar papéis. Almocei no cubículo enquanto acabava o episódio que deixei a meio ontem à noite. Mais assinaturas, mais tesouras. Cinco da tarde. Não me despeço de ninguém, e sigo direto para o metro. A rapariga do segundo andar também estava no elevador. Mas não consegui cruzar o meu olhar com o dela. Estava entretida a ver tutoriais de maquilhagem no telemóvel. Suspirei, mas ela não deu conta.

Quando saí do metro, a chuva parecia ainda mais forte. Talvez trazer o guarda-chuva tivesse sido melhor. Voltei a apertar o casaco e corri pela rua acima.

Ao chegar a casa, vi a minha gata sentada no parapeito da janela, a contemplar tranquilamente as árvores que abanavam com o vento. Olhei para ela durante um minuto, à espera de um sinal de reconhecimento. Nada.

Depois de tomar banho e vestir o pijama, enchi-lhe a tigela com comida. Um preparado *gourmet* de salmão e todas as coisas boas para gatos que diziam na publicidade que vi na televisão. Ela desceu do parapeito calmamente e comeu em silêncio. Nem sequer levantou a cabeça para me cumprimentar.

Soltei uma gargalhada e ela rosnou. Senhora absoluta do seu pequeno mundo. A chuva não a afetou hoje. Não teve de carregar sacos de cimento antes das oito da manhã, não passou o dia em manifestações, e não vai votar nas próximas eleições. Claro que não, é um animal. Podia viver lá fora à chuva, se assim o quisesse. Mas prefere esta prisão quentinha, com duas refeições por dia e uma panóplia de brinquedos que chamam.

Talvez eu e ela não sejamos assim tão diferentes.

Não temos a capacidade de liderança necessária para a política, ou para cargos de chefia. Jamais seremos idealistas, como o velho do jardim. Talvez se tivéssemos vivido o que ele viveu...

Não tenho força para trabalhos pesados, nem coragem para ser figura de autoridade pública.

Ainda não fiz cinquenta anos, pelo que me falta o ceticismo daquele colega do terceiro piso. Tendo já passado dos trinta, o *smartphone* e o entusiasmo coletivo já chegaram tarde demais para mim.

Sou um oportunista renegado, e já escolhi a minha sentença. Vou pagando os impostos, mas, se houvesse margem, preferia apostar tudo no futebol. Um dia, talvez. Até lá, continuo a apertar o casaco com força, com medo da chuva que nunca para de cair.

Como o leitor deve ter percebido, o livro que inspirou este trecho de reflexão foi *Quinta dos Animais*, de George Orwell. Publicado em 1945 e também intitulado *O triunfo dos porcos*, este conto de bichos e política destaca-se pela intemporalidade dos seus símbolos. Com uma alegoria simples, Orwell revela a facilidade com que ideais revolucionários podem ser distorcidos e convertidos no silêncio desconfortável da resignação.

Neste texto, transporte as personagens da Quinta Manor para um cenário urbano: o reformado solitário (Velho Major), o funcionário amargo (Benjamin), o trabalhador incansável (Boxer), as ovelhas entretidas com os seus *smartphones*, os cães ferozes que cumprem o dever de patrulha, e os políticos

manipuladores na televisão (em representação dos suínos). Todos vivem debaixo da mesma chuva fria e castradora. Se bem que uns molham-se mais do que outros...

Há ainda uma exploração inédita do gato. Um animal que pouca importância tem no livro, e apenas aparece de vez em quando para almoçar ou espreguiçar-se ao sol. Na verdade, os gatos representam o egoísmo funcional que habita em cada um de nós. A apatia que pouco resiste, mas que tão-pouco se submete. É, provavelmente, a personagem mais livre da narrativa original. Mas também a menos importante para o enredo.

Terminar este texto com a gata do narrador é como terminar com um espelho voltado para a sociedade: cada vez mais isolada e independente, menos comprometida com os outros animais da Quinta.

Bernardo Afonso S. M. Vicente